

## Índice

Para Começar	13
NA CARROÇA, Anton Tchékhev	21
Uma Página de Cada Vez: Reflexões sobre <i>Na Carroça</i>	23
Reflexão Posterior #1	73
OS CANTORES, Ivan Turguénev	77
O Coração da História: Reflexões sobre <i>Os Cantores</i>	96
Reflexão Posterior #2	126
MEU ANJINHO, Anton Tchékhev	135
Uma História de Padrões: Reflexões sobre <i>Meu Anjinho</i>	149
Reflexão Posterior #3	179
O PATRÃO E O MOÇO DE ESTREBARIA, Lev Tolstói	185
E no entanto Seguiram em Frente: Reflexões sobre <i>O Patrão e o Moço de Estrebaria</i>	232
Reflexão Posterior #4	262
O NARIZ, Nikolai Gogol	267
A Porta Para a Verdade Pode Ser a Estranheza: Reflexões sobre <i>O Nariz</i>	294
Reflexão Posterior #5	326
A GROSELHA-ESPINHOSA, Anton Tchékhev	333
Nadar Num Lago À Chuva: Reflexões sobre <i>A Groselha-Espinhosa</i>	345
Reflexão Posterior #6	366

ALIOCHA, <i>O POTE</i> , Lev Tolstói	373
A Sabedoria da Omissão: Reflexões sobre <i>Aliocha</i> , o Pote	381
Reflexão Posterior #7	405
Para Acabar	409
APÊNDICES	
Apêndice A: <i>Um Exercício de Corte</i>	419
Apêndice B: <i>Um Exercício de Intensificação</i>	424
Apêndice C: <i>Um Exercício de Tradução</i>	428
Agradecimentos	432
Textos	435
Recursos Adicionais	437

## Para Começar

Nos últimos vinte anos, tenho ensinado uma disciplina de conto russo do século XIX, na Universidade de Syracuse. Os meus alunos são alguns dos melhores escritores jovens da América. (Aceitamos seis novos estudantes em cada ano lectivo, escolhidos entre 600 a 700 candidatos.) Quando chegam, já são excelentes. O que tentamos fazer nos três anos seguintes é ajudá-los a alcançar aquilo a que chamo o «espaço icónico» — o lugar onde escreverão as histórias que só eles conseguiriam escrever, recorrendo ao que existe neles de único; ou seja, os seus pontos fortes, mas também as suas fraquezas, obsessões, peculiaridades, o pacote completo. Neste nível, à partida assume-se que a escrita será muito boa; o objectivo é fornecer-lhes os meios técnicos para que possam tornar-se, provocadora e alegremente, eles mesmos.

Nas minhas aulas, esperando que compreendam a mecânica do conto enquanto forma literária («Afinal, como é que esta coisa funciona?»), viramo-nos para alguns dos grandes escritores russos para tentar compreender como é que eles faziam. Por vezes, na brincadeira (ou nem por isso), digo que lemos para ver o que podemos roubar.

Há uns anos, depois de uma aula (pó de giz ainda pairando no ar outonal, um velho aquecedor a óleo a fazer barulhos a um canto, uma fanfarra a ensaiar algures, longe), apercebi-me de que alguns dos melhores momentos da minha vida, aqueles em que senti verdadeiramente que oferecia algo de válido ao mundo, foram passados a ensinar a disciplina de contos russos. As histórias que ensino neste contexto estão sempre comigo enquanto trabalho, são a fasquia altíssima com a qual me confronto. (Quero que as minhas histórias comovam e transformem alguém como aqueles contos russos me comoveram e trans-

formaram.) Após tantos anos, estes textos são como velhos amigos, amigos que tenho a oportunidade de apresentar a um novo grupo de jovens escritores brilhantes, sempre que me encarrego da disciplina.

Por isso, decidi escrever este livro, uma forma de pôr no papel uma parte do que eu e os meus alunos descobrimos juntos ao longo do tempo, oferecendo a si, leitor ou leitora, uma versão modesta das minhas aulas.

Durante um semestre, chegamos a ler 30 contos (dois ou três por aula), mas para os propósitos deste livro vamos limitar-nos a sete. Os contos que escolhi não tencionam representar um grupo abrangente de escritores russos (só Tchékhev, Turguénev, Tolstói e Gogol), nem correspondem necessariamente às melhores histórias destes autores. São apenas sete contos de que gosto muito e que ao longo dos anos descobri serem eminentemente ensináveis. Se eu quisesse despertar numa não-leitora a paixão por narrativas breves, estes seriam alguns dos textos que lhe daria a ler. Na minha opinião, são grandes contos, escritos durante um período particularmente fértil para este género literário. Mas não são todos extraordinários em igual medida. Alguns são muito bons apesar de certos defeitos. Outros são muito bons *por causa* dos seus defeitos. Alguns talvez exijam que eu convença os leitores da sua grandeza (o que farei com todo o gosto). Aquilo de que eu quero mesmo falar é do conto enquanto género literário, e estas são histórias perfeitas para isso: simples, claras, elementares.

Para um escritor jovem, ler os contos russos deste período é o mesmo que para um jovem compositor estudar Bach. Neles encontrará todos os princípios fundamentais da forma narrativa. As histórias são simples, mas comoventes. Interessamo-nos pelo que descrevem. Foram escritas para desafiar e antagonizar e escandalizar. E, nem sempre pelos caminhos mais óbvios, para consolar.

Assim que começamos a ler estas histórias, que são quase sempre sossegadas, domésticas e apolíticas, a ideia pode parecer estranha; mas esta é uma literatura de resistência, escrita por reformadores progressistas no seio de uma cultura repressiva, sob a ameaça constante da censura, num tempo em que as opiniões políticas de um escritor podiam condená-lo ao exílio, à prisão, ou a uma sentença de morte. A resistência nestas histórias é silenciosa, oblíqua, e nasce daquela que é talvez a ideia mais radical de todas: a de que cada ser humano merece atenção, e que a origem do bem e do mal no universo pode ser

encontrada através da observação de uma única pessoa, por muito humilde que seja, e das coisas que andam às voltas na sua cabeça.

Eu estudei engenharia na faculdade (fui aluno da Colorado School of Mines) e cheguei tarde à ficção, com um entendimento particular do que podem ser os seus propósitos. Tive uma experiência marcante num certo Verão, ao ler *As Vinhas da Ira* à noite, numa velha autocaravana, estacionada junto à casa dos meus pais, em Amarillo, depois de dias longuíssimos a trabalhar nos campos petrolíferos, na pesquisa sismográfica de jazidas. Entre os meus companheiros havia um veterano da guerra do Vietname que, ali no meio da pradaria, imitava periodicamente a voz exaltada de um animador de rádio («ESTÃO A OUVIR A WVOR, AMARILLO!»), e um cadastrado, saído há pouco da prisão, que, todas as manhãs, na carrinha, enquanto nos dirigíamos para o rancho onde as perfurações estavam a ser feitas, me ia informando, sem poupar nos detalhes, das novas e perversas coisas que ele e a sua «senhora» haviam experimentado sexualmente na noite anterior, imagens que desde então nunca mais me abandonaram, infelizmente.

Enquanto lia Steinbeck, depois de um dia daqueles, o romance parecia-me real. Apercebi-me de que trabalhava numa continuação do mundo representado no livro. Era a mesma América, décadas depois. Eu estava de rastos, tal como Tom Joad estava de rastos. Sentia-me maltratado por uma força mais alta, o poder do dinheiro, e o mesmo acontecia ao Reverendo Casy. O monstro capitalista esmagava-nos, a mim e aos meus companheiros, tal como esmagou os Okies, que atravessaram aquelas mesmas paisagens, nos anos 30, a caminho da Califórnia. Também nós éramos os detritos disformes do capitalismo, as vítimas necessárias da máquina de fazer negócios. Resumindo, Steinbeck escreveu sobre a vida que eu próprio vivia. Ele chegou às mesmas perguntas que eu me fazia, e senti que eram urgentes, como começavam a ser urgentes para mim.

Os russos, quando os encontrei uns anos mais tarde, tiveram um efeito semelhante. Pareciam encarar a ficção como algo que não era meramente decorativo, mas antes um instrumento imprescindível no plano moral e ético. Depois de os ler, sentíamo-nos diferentes, nos seus contos o mundo parecia contar outro tipo de história, mais interessante, uma história em que podíamos desempenhar um papel significativo, e em que tínhamos responsabilidades.

Vivemos, como certamente já terá reparado, numa era degradada, bombardeada por quantidades imensas de informação superficial, oca, comprometida e disseminada excessivamente depressa. Ao ler estas histórias, estamos prestes a passar algum tempo num domínio em que, como escreveu Isaac Babel, um grande mestre do conto russo do século xx, «nenhum espigão de ferro é capaz de trespassar o coração humano como uma frase no sítio certo». Vamos entrar em sete contos que são sete modelos à escala do mundo, fastidiosamente construídos e pensados para um propósito específico que o nosso tempo talvez não aceite por completo, mas que estes escritores aceitaram implicitamente como o objectivo último da arte: o de fazer as grandes perguntas. Como é suposto vivermos aqui em baixo? Que papel nos cabe? O que devemos valorizar? O que é a verdade, afinal, e como poderemos reconhecê-la? Como sentir alguma paz quando umas pessoas têm tudo e outras não têm nada? Como haveremos de viver com alegria num mundo que parece desejar que amemos outras pessoas, mas depois separa-nos brutalmente delas no fim, seja como for?

(Já perceberam o estilo: aquele tipo de grandes perguntas russas, levezinhas e bem-dispostas.)

Para que uma história possa abordar questões destas, primeiro temos de a concluir. É preciso que nos atraia, compelindo-nos a ler até ao fim. Por isso, este livro procura essencialmente uma forma de diagnóstico: se um conto nos puxou para dentro dele, obrigando-nos a ler, ao mesmo tempo que nos fez sentir respeitados, como é que se consegue uma coisa destas? Não sou um crítico, nem um historiador da literatura, nem um especialista em cultura russa, nem nada do género. O foco da minha vida artística tem sido a tentativa de aprender a criar histórias emocionalmente fortes e que um leitor não consiga deixar a meio. Considero-me mais prático do que teórico. A minha abordagem ao ensino é menos académica («A ressurreição, neste contexto, é uma metáfora para a revolução política, um tema recorrente no *zeitgeist* russo») e mais estratégica («Será que precisamos mesmo daquele segundo regresso à aldeia?»).

O exercício básico que proponho aqui é este: leia a história e depois reflecta na experiência que acabou de ter. Houve alguma passagem que considerou particularmente comovente? Algo que tenha provocado uma certa resistência ou confusão? Momentos tão frustrantes que só dava vontade de rasgar as páginas, ou tão chatos que deu por si a pensar noutras coisas? Ficaram questões por resolver sobre a história?

*Qualquer resposta é aceitável.* Se você (o meu leitor de boa índole) sentiu alguma coisa, tudo bem. Se ficou confundido, vale a pena mencioná-lo. Se o texto o aborreceu, se o irritou: informação valiosa. Não é preciso mascarar a resposta com linguagem literária ou expressá-la em termos de «tema», «enredo», «desenvolvimento das personagens» e vocabulário desse tipo.

As histórias foram, claro, escritas em russo. Eu recorro às traduções que mais me impressionaram ou, nalguns casos, às versões com que deparei primeiro, há anos, e que tenho usado nas aulas desde então. Não leio nem falo russo, por isso não posso garantir até que ponto são fiéis aos originais (haverá oportunidade de reflectir sobre o assunto à medida que avançarmos). Proponho que abordemos as histórias como se tivessem sido escritas originalmente em inglês, sabendo que estamos a perder a música do russo e as nuances que os textos apresentariam a um leitor russo. Mesmo em inglês, despojados dessas maravilhas, os contos têm mundos inteiros para nos ensinar.

A principal coisa que eu gostaria que perguntássemos em conjunto é: O que sentimos e onde é que sentimos? (Todo o trabalho intelectual coerente começa com uma reacção genuína.)

Assim que concluirmos cada história, partilharei as minhas opiniões num ensaio, no qual descreverei como reagi ao texto e defenderei um ponto de vista sobre a história, além de oferecer algumas explicações técnicas para os motivos que nos terão levado a sentir o que sentimos, onde o sentimos.

Devo dizer que é de esperar que um determinado ensaio não signifique grande coisa, sem a leitura prévia do conto correspondente. Pensei os ensaios em função de alguém que acabou de ler o conto em causa e por isso guarda na memória uma impressão ainda vívida. Para mim, isto corresponde a um novo tipo de escrita, mais técnica do que o habitual. Espero que os ensaios sejam divertidos, claro, mas enquanto os escrevia ocorreu-me várias vezes o termo «livro de exercícios»: um livro que exige trabalho, por vezes trabalho árduo, mas trabalho que faremos juntos, com a intenção de mergulharmos mais fundo nestas histórias do que seria possível numa simples primeira leitura.

A ideia central é que trabalhar tão de perto os contos dos escritores russos vai ajudar-nos quando trabalharmos nos nossos próprios contos; que o encontro intenso e, talvez o possamos dizer, forçado com estas histórias acabará por inspirar os desvios, guinadas e movimentos